Lago começa a superar os problemas da poluição

Paranoá

PAULO GUSMÃO

Trinta anos depois de um verdadeiro bombardeio de dejetos, tonéis, latas, colchões, além do tradicional esgoto sanitário, o Lago Paranoá começa a dar sinais gradativos de sua recuperação. O último levantamento de balneabilidade do lago, realizado no final de julho, aponta para um crescente aumento das áreas consideradas excelentes, muito boas e satisfatórias, para a prática de atividades desportivas. Esta evolução é resultado da instalação da Estação de Tratamento de Esgotos Sul, podendo ser comprovada através dos índices coletados pela Caesb, conforme explicou o superintendente de Operações e Manutenção da Unidade de Esgoto, Marcelo Teixeira.

Ele diz que trabalhem basicamente com três indicativos: a quantidade de oxigênio dissolvido, responsável pela vida no lago; o índice de fósforo, responsável pelo maucheiro e a quantidade de coliformes fecais, principais agentes causadores de doenças. Com relação ao oxigênio, o índice anterior era de menos de 5 mg/l. Em apenas seis meses de operação da estação houve um índice entre 7 e 8 m/1. A quantidade de coliformes fecais estava em aproximadamente 6000 por 100 ml de água. O valor agora está em torno de 783 por 100 ml. Apenas o índice de fósforo permanece alto, causado pela grande concentração de algas, mas também com relação a isto já temos um projeto em andamento. "Até o final do ano, mais trechos do lago estarão aptos para o lazer. Especialmente no Lago Norte", explicou Marcelo.

Adequação — Para Marcelo, um dos grandes problemas que causam a poluição do lago foi a não adequação do tipo de tratamento. Sendo um sistema fechado, o Paranoá deveria dispor de uma estação com as características da recém-inaugurada. "Sem o tratamento adequado, a água do lago vinha sendo duramente castigada. Quando se lança esgoto em um rio, sabe-se que se pode contar com a própria movimentação da corrente para ajudar na despoluição. O mesmo não se dá com as águas paradas do Lago", afirmou.

Pela estação sul, passam 880 litros de água por segundo. Para evitar entupimentos nas bombas, foram instaladas grades, onde ficam retidos os mais diferentes tipos de objetos: "Já encontramos colchões, tonéis e até poltronas. Diariamente, uma turma do SLU faz a coleta destes dejetos exóticos", contou o superintendente.

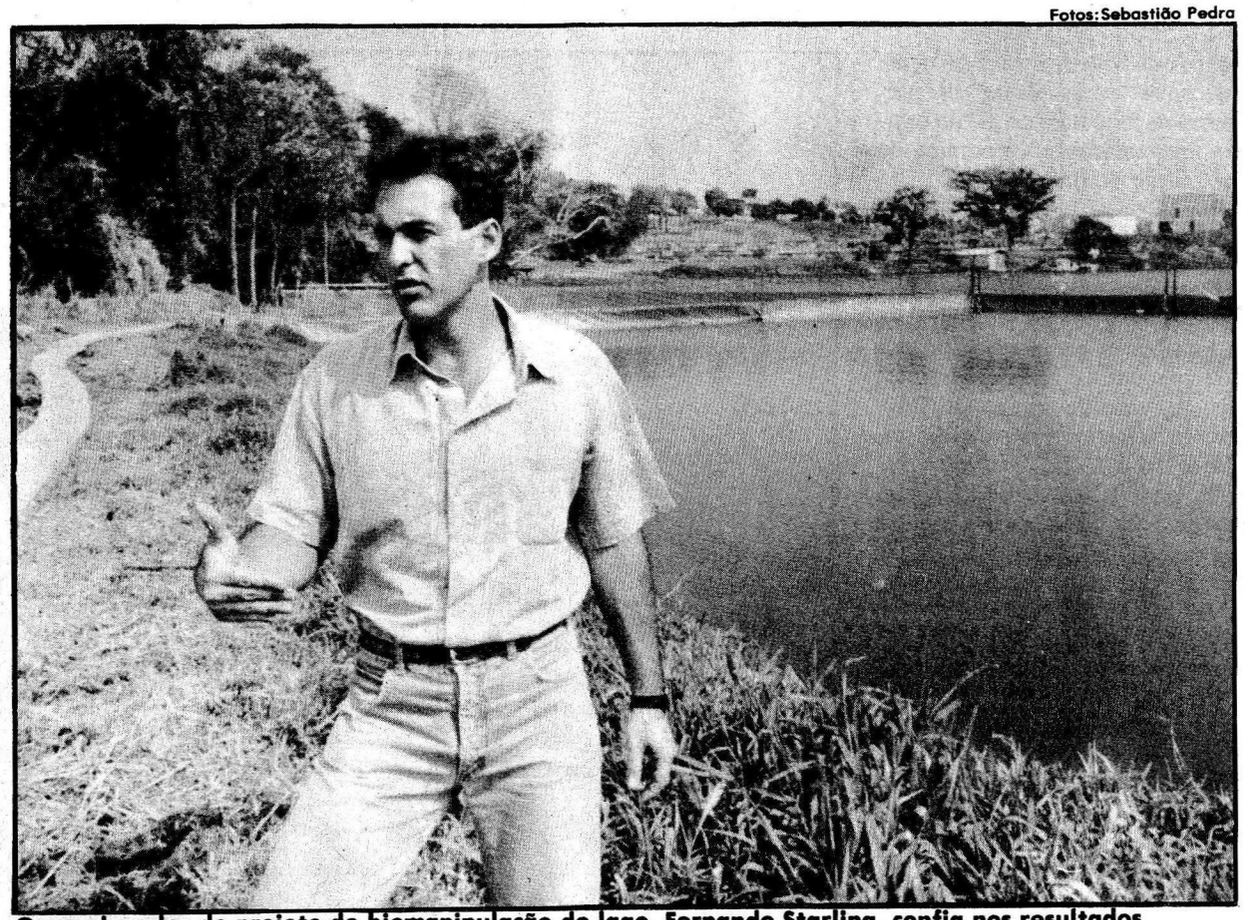
Os próximos passos da Caesb serão a retirada do emissário do Lago Sul, que será substituído por uma estação elevatória, nos próximos 60 dias, o novo projeto será a "redenção" dos esgotos de uma área do Lago Sul, do SIA e do Sudoeste. No final do ano, será a vez da inauguração da Estação de Tratamento de Esgotos do Lago Norte, também com a capacidade de 880 litros por segundo. "Isto deverá ser a coroação de um projeto que já devolveu 3/4 do Paranoá para a população do Distrito Federal", argumenta.

Campanha — Se por um lado Brasília não possui indústrias que aumentem o grau de poluição do lago, por outro, o número de ligações clandestinas preocupa. "Existem dois tipos de ligação clandestina. A de águas pluviais no esgoto, e a da rede de esgoto nas águas pluviais. A primeira oferece um perigo para a sobrevivência da estação, que é planejada para um determinado volume de água, e acaba recebendo acima de sua capacidade. A segunda, logicamente, pelo risco que oferece para a qualidade de manancial", esclarece o superintendente.

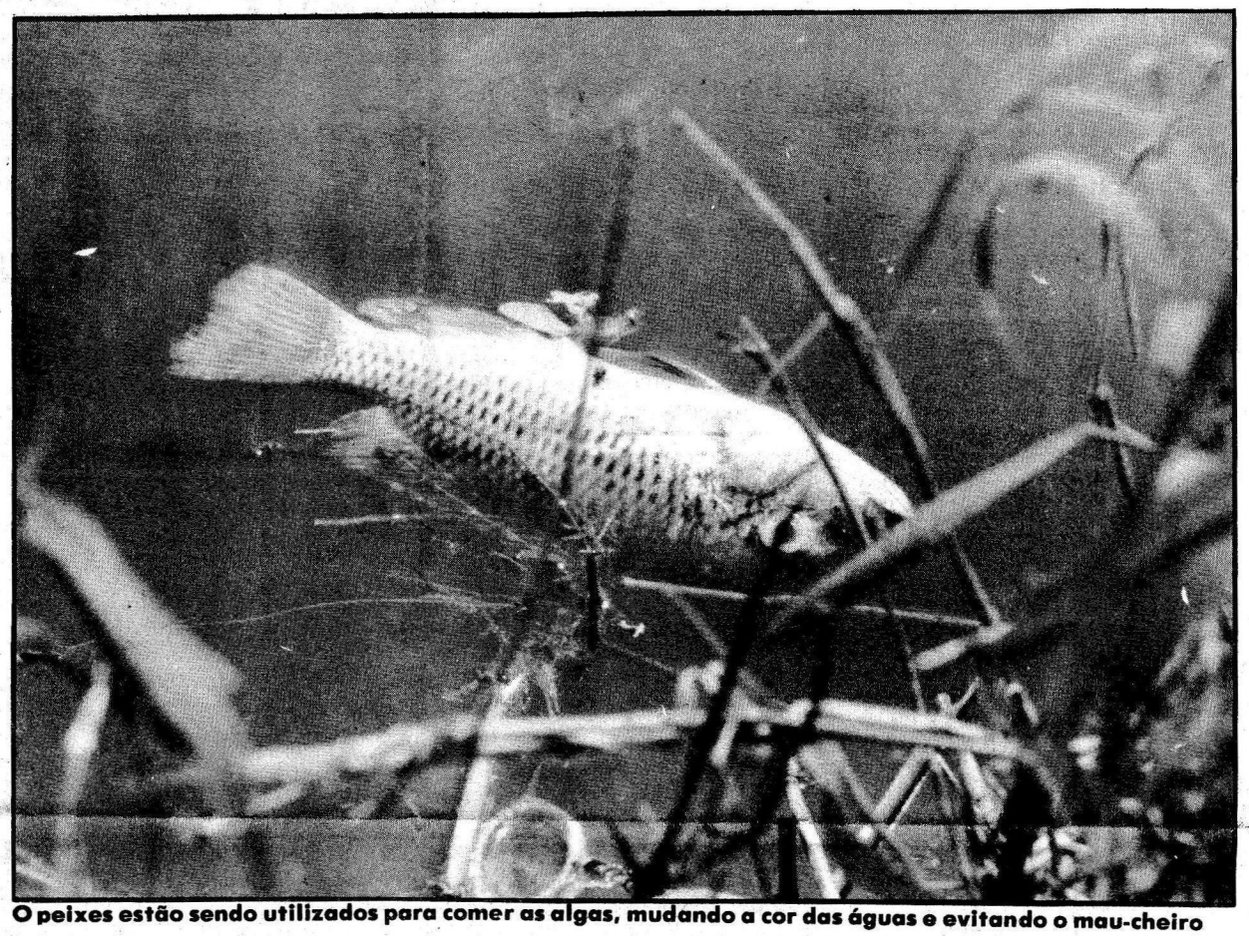
Como providências, a Caesb vem realizando a aplicação de fumaças nas redes de esgoto e nas galerias pluviais. Através da monitoração desta fumaça, a companhia fica sabendo a origem das ligações clandestinas. "Por enquanto estamos na fase de campanha educacional, informando as pessoas dos riscos destas ligações. Os resultados estão sendo satisfatórios, principalmente na área da W3. Mas não descartamos a possibilidade de mais tarde aplicarmos multas nos infratores".

Em dezembro, quando for realizado o novo programa de balneabilidade, a Caesb espera cumprir a promessa de devolver a Brasília a sua mais importante área de lazer. Até lá, até peixes serão usados na luta para recuperar o Paranoá.

Fotos: Sebastião Pedra



O coordenador do projeto de biomanipulação do lago, Fernando Starling, confia nos resultados



O peixes estão sendo utilizados para comer as algas, mudando a cor das águas e evitando o mau-cheiro